

RESENHA

SOUZA, Roberto Acízelo de. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014.

Vicentônio Regis do Nascimento Silva
Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, PR, Brasil

Roberto Acízelo de Souza já tem carreira acadêmica consagrada, construída sob vasta produção, parcialmente reunida nesta **História da literatura** que pormenoriza a trajetória, os fundamentos e os problemas enfrentados por essa disciplina. Alguns críticos defendem sua exclusão dos cursos de Letras; contudo, o renomado autor milita em seu favor pelo fato de que ela auxilia pesquisadores – tanto da Literatura quanto de outros ramos – a descobrirem o trajeto percorrido por escritores, leitores, títulos e editores na configuração da cena literária.

O primeiro capítulo explicita a finalidade da história literária que é:

[...] justamente inventariar esses conjuntos, sistematizar seus elementos, analisá-los, avaliá-los e disponibilizá-los em grandes narrativas, materializadas em obras que em geral ostentam no título a expressão *História da literatura*, especificada por um adjetivo pátrio: *brasileira, portuguesa, francesa*, etc. Um dos traços típicos da disciplina é certa inapetência por teorias, o que certamente está relacionado à sua feição muito mais narrativa do que dissertativa. Desse modo, com frequência as histórias literárias entram direto no assunto – o desenvolvimento histórico de certa tradição linguístico-literária nacional –, sem se preocupar por autojustificar-se como projeto disciplinar ou científico, nem tampouco em dar satisfações sobre sua metodologia e fundamentação conceitual. Às vezes, contudo, fazem preceder à parte essencial da exposição uma síntese dos princípios teóricos adotados, à maneira de preâmbulo, mas sempre de reduzidas proporções, se comparada com os capítulos propriamente nucleares que lhes seguem (p. 10).

Independente de adotar a dissertação ou a narrativa, discordamos quando o autor argumenta que a escrita da história desprende-se de teorias, metodologias e fundamentações, uma vez que qualquer texto esconde, em suas camadas mais profundas, percursos gerativos de sentido que manipulam seus leitores. Desse modo, nenhuma História – seja ela da Literatura, da Matemática ou da Filosofia – abdica de direcionar sentidos e discursos.

O segundo capítulo (panorama dos estudos literários) esclarece: a crítica literária, como a conhecemos hoje, configura-se a partir do século

XVII com o advento da modernidade, definindo o ato crítico como “[...] liberdade plena para questionar, realizando-se como análise de um texto conduzida sem a limitação de ideias preconcebidas” (p. 19-20).

[...] no início do século XIX já é possível falar em *crítica literária* no sentido moderno da expressão. Podemos caracterizar essa passagem – da crítica antiga para a moderna – como um processo de desregulamentação: o exercício da crítica deixa de pautar-se pelos regulamentos da trindade clássica das disciplinas dos discursos – gramática, retórica, poética –, colocando-se em condições pois de reivindicar sua autonomia; simultaneamente, torna-se uma questão em boa parte dependente do arbítrio do crítico, ou então, o que é quase a mesma coisa, do gosto, algo cujos critérios a estética esforçava-se por estabelecer (p. 21).

A crítica literária que então se estabelecia, aproximando-se das correntes imanentes do texto, distanciava-se da história literária, caracterizada por, pelo menos, três itens: 1) pretensão de objetividade e identificação com o conceito de ciência; 2) inserção no historicismo, valendo-se da periodização e da diacronia; 3) segmentação nacionalista, confeccionando relatos atrelados aos países onde se constituíam.

Depois de protagonizar embates com a Literatura comparada e com a Teoria da Literatura, a história literária alcançará novamente destaque entre 1970 e 1990, sendo essa a década de mais um declínio quando, reestruturando-se graduação e pós-graduação em Letras, surgem e fortalecem-se os estudos culturais, criticados pelo estudioso uma vez que:

[...] A história da literatura e a teoria da literatura restam assim sem função, por não se lhes reconhecer objeto, e a crítica literária, por sua vez, também se vê revogada, dado que não existiria qualquer relação hierárquica entre essas inumeráveis subdivisões da literatura, tampouco distinções de mérito entre as obras que as constituem, pela circunstância de que a ideia de valor estético não poderia ser postulada nesse ambiente conceitual sobredeterminado pelo relativismo (p. 35).

Abordando os fundamentos dos estudos literários, o autor relembra a difusão da escrita como fator determinante da mudança de hábitos do mundo antigo, preocupado em desenvolver satisfatoriamente atividades ligadas à ginástica e à música. Desde então, opta-se pelo desempenho da escrita e da leitura, reforçando os estudos da gramática, da poesia (dominada e atribuída aos homens cultos, detentores de probidade e elevação de espírito) e da retórica (princípio dos estudos literários antigos e clássicos, transmissora de *status* social). No Brasil, a história literária consolida-se no Império e torna-

se plena durante a República. Em 1930, sofre relativa renovação. Em 1980, o declínio dos nacionalismos também a comprometeria, especialmente a partir de 1990, com a teoria literária protagonizando a busca de novos rumos à Literatura.

O capítulo três enumera os motivos da ascensão da história literária em 1800: 1) expansão do capitalismo e acirramento das contradições sociais; 2) construção de filosofias da história; 3) consolidação do modelo físico-matemático, criando-se o conceito de ordem social como organismo que progride com efeito do tempo; 4) concepção de passado instituída pelo romantismo. Além disso, discute as relações da história com a crítica, conceituando esta como “[...] um sistema escalonado de saber sobre a literatura que envolve, como operação de cúpula, a emissão de juízos de valor sobre obras e autores” (p. 56-57). Assim, enquanto a História preocupar-se-ia com tradição e obras do passado, narrativas longas, livros e sistema escolar, a Crítica concentrar-se-ia na atualidade, movimento editorial, jornais e revistas, público heterogêneo, elaboração de ensaios autônomos.

Roberto Acízelo de Souza acrescenta que a burguesia tinha a intenção de escrever uma história da civilização. Dessa forma, a reunião de artigos e de dados com o intuito de atender os anseios burgueses beneficiou a história da Literatura. Por quaisquer que sejam os motivos, a história da Literatura sofre contestações, como o reconhecimento da Literatura como artefato verbal/linguístico imaneente ou como a importância da linguagem verbal em todas as áreas das ciências humanas, o que compromete e desestabiliza “fatos” considerados indestrutíveis, como o contexto social ou político na condição de mecanismo de influência ou de explicação da obra, abalando assim a história literária, já que toda obra seria exclusivamente um artefato linguístico.

Por outro lado, a história da Literatura obteria algumas revitalizações em 1920 (o formalismo russo aceitaria uma espécie de evolução de “substituição de sistemas”), 1960-1970 (com o surgimento da Estética da Recepção) e 1980 (com o novo historicismo nos Estados Unidos). Atualmente, ela se dilui em outras disciplinas.

O capítulo quatro identifica a instituição da disciplina em 1850 (marco registrado nos arquivos do Colégio Pedro II), ressaltando seu crescimento com a necessidade de afirmação das glórias nacionais e os consequentes estímulos à nação. O quinto capítulo critica a interdisciplinaridade (mais citada e propagada do que teoricamente operacionalizada). O estudo concomitante e comparativo da teoria da História e da história da Literatura precisaria examinar Fato (observando-se a via teórica – especulação – e a

via histórica – fatos – nos estudos literários), Valor (ao historiador caberia mais a função de descrever do que narrar ou emitir juízo) e Narratividade. O último capítulo remata a indispensabilidade de compartilhamento e complementaridade entre a história da Literatura e a Teoria Literária.

Com glossário e índice analítico, a obra nos encaminha à necessidade de disciplinas dos currículos de Letras caminharem lado a lado na constituição e ampliação desse complexo campo de saber a que, de maneira geral, designamos estudos literários.